

PONTO AMOR: TRAMA CONFSSIONAL

Mariana Felício de Sousa¹ - UNIVASF
Edson Macalini² - UNIVASF

S6. AV. Reversabilidades Estéticas – meandros entre educação e poéticas nas Artes Visuais**RESUMO**

Este trabalho apresenta o processo artístico realizado na disciplina de desenho II onde a abordagem confessional acerca do amor foi utilizada como motivação principal para as produções. A partir das aulas pude utilizar o meu conhecimento sobre crochê para meus trabalhos ao todo. A relação com a linha sempre foi muito forte desde o momento que aprendi pois quem me passou o saber pela primeira vez, através do crochê, foi minha cunhada e serviu a mim como abrigo para meus amores.

PALAVRAS-CHAVE

Desenho; amor; arte confessional; crochê; bordado.

O ponto vermelho

O amor é algo cotidiano. Narrado em novelas, filmes ou nos relatos de pessoas amigas, bem como, artistas visuais mulheres que tratam do amor como basilar em suas produções artísticas. Quando penso em amor, penso também em clichês ou nas coisas ridículas que permeiam esse sentimento, e por este sentimento ser tão presente no cotidiano que vivo, agrego-o ao meu trabalho artístico. Materializar as questões pessoais foi um desafio maturado por um bom tempo, me encontrei num limbo de incertezas e só pude sair deste a partir de alguns incentivos que me foram apresentados ao longo da disciplina de desenho II.

As minhas histórias de amor, já vem há muito tempo se fazendo presente em versos que compunha, logo encontro o desenho e se compuseram como um elemento só. Ai pude perceber a relação e a potência de ambas juntas e coadunadas. Este sentimento sempre morria, não era de costume vingar e o que não é correspondido não se escancara, por isso esconder sempre foi a resposta óbvia. Durante a disciplina, me deparei com o tema: Desenho e palavra, ao qual pude compreender que artistas considerados confessionais, expunham seu mundo privado por meio desses dois elementos. Por este caminho me saltou aos olhos essa temática, cujo interesse e conforto me puseram a refletir mais sobre o assunto.

Ao me deparar com o livro *Outros Jeitos de Usar a Boca* da artista Rupí Kaur senti um impulso vivaz a falar dos meus amores. Percebi a potencialidade contemporânea ao

¹ Licenciatura em Artes Visuais/ CARTES-UNIVASF. E-mail: totitmariana@gmail.com

² Professor do Curso de Artes Visuais da UNIVASF / Mestre em Artes Visuais pela UDESC/SC. E-mail: edson.macalini@univasf.edu.br

relacionar imagens e palavras que falassem de sentimentos e o que isso representaria para o universo das artes visuais. Acredito que falar de amor, não seja falar apenas de clichê, mas de uma urgência atual. É necessário falar de amor e de sentimentos em um momento onde conservadorismos e posicionamentos sombrios e medievais estão em constante ebulição. Com esta primeira inspiração, já estava certa que em algum momento iria falar dos amores mais profundos que passaram por mim, para que meus amores não morressem frustrados. Cada poesia que li me levou para um momento diferente de minha vivência, em maior parte, as poesias representavam coisas que eu desejei dizer e não disse. A forma como Rupi Kaur sente e descreve os sentimento é direta, ela não deixa o amor morrer em vão: “como nosso amor pode morrer/ se está escrito/ nestas páginas” (KAUR, p. 128). Com a inquietação de não permitir os amores irem embora, passei a sentir mais confortável com a ideia de levar meu âmagô - que sempre esteve presente em meus escritos - para meu trabalho nas artes visuais, materializar o sentimento e atribuir sensações estéticas a este.

A escrita sempre foi companheira e abrigo dos meus amores, os versos aliviaram cada decepção amorosa e amor inventado. Também foram prova de minha felicidade quando o amor funcionava como desejava. Quando entrei no curso de Artes Visuais, abandonei em parte os versos e me debrucei sobre os desenhos. A artista mais importante para o meu processo de voltar para a escrita e englobá-la ao desenho foi Tracey Emin com sua arte completamente confessional. A escrita me auxiliou a levar o entendimento direto ao desenho. Emin associa desenho com palavra, ou utiliza apenas versos, e estes versos são muito diretos acerca dos sentimento. Cada obra me impactou e novamente me identifiquei com a confissão de sentimentos. A partir das obras de Tracey Emin inspirei-me em todas as maneiras, desde os versos soltos até os desenhos acompanhados de títulos impactantes, percebendo uma semelhança na objetividade das confissões.



Tracey Emin, Everyone I Have Ever Slept With 1963-1995; 1995

A instalação de Tracey Emin chamada “EVERYONE I HAVE EVER SLEPT WITH 1963-1995” onde ela coloca nomes de todas as pessoas que ela já dormiu entre os anos

de 1963 e 1995 dentro de uma barraca de camping foi definitiva para o meu processo, foi como uma solução para minha inquietação de querer declarar todos os meus amores. Expor meu âmagô de forma direta resolvia minha necessidade de falar de amor com meu trabalho, não deixar os amores antigos morrerem e também a vontade de fazer o outro se identificar e passar uma mensagem de que não se deve temer falar de amor.

Eis que estava dada a aura do meu trabalho. Ao invés de nomes de pessoas que eu dormi, iria externar os nomes das pessoas que me apaixonei. A barraca de camping não caberia como estrutura para estes nomes e por um tempo não consegui solucionar como se daria a estrutura física deste trabalho.

Inicialmente pensei em fazer os nomes das pessoas que me apaixonei em crochê, mas no meio do processo aprendi o bordado. As ideias eram muitas. Relacionei os nomes com desenhos que representassem alguma lembrança da pessoa que estava a retratar. De maneira cronológica fiz os desenhos, do primeiro amor que tive até amores que ainda estava a viver. De maneira cronológica também bordei os nomes com linha vermelha em cima dos desenhos. A linha vermelha envolve a relação do fio vermelho do amor, uma lenda que diz que duas pessoas estão conectadas por um fio vermelho que mesmo que se embole não se quebra.



Figura N ° 2. Parte dos quadros do trabalho *Nomes das pessoas que me apaixonei*. 2018

No processo de fazer os desenhos aprendi o bordado. O primeiro bordado confeccionado, um auto retrato com um trecho da música *Ciranda* de Leo Middea diz “Teu corpo é o agora” não faria parte da obra. No momento que apresentei estes dois trabalhos para a disciplina de desenho II, eles se relacionaram. Mesmo sendo tão diferentes esteticamente, pareceu muito certo colocar os dois trabalhos juntos. Em uma futura exposição do trabalho *Nomes de pessoas que já me apaixonei* o bordado estará

junto aos quadros e assim causando maior direção para o propósito. O trabalho se deu como pronto com nomes bordados em cima dos desenhos, em fontes diferentes e emoldurados, contabilizando vinte quadros, uma boa coincidência pois vinte é minha idade e ao fim do processo pude passar uma reflexão de que amo a mesma quantidade de tempo que vivo.



Figura nº3. Bordado em tecido, bastidor diâmetro 14cm. 2018

REFERÊNCIAS

EMIN, Tracey. *EVERYONE I HAVE EVER SLEPT WITH 1963-1995, 1995.. Disponível em <<http://www.traceyeminstudio.com/>>. Acesso em: 07 jun 2018*

KAUR, Rupi. *Outros Jeitos de Usar a Boca/Rupi Kaur*; tradução: Ana Guadalupe. 1 edição. São Paulo: Planeta, 2017